

MARÉ DE FUTEBOL: SIGNIFICADOS E SOCIABILIDADES DO PRIMEIRO CAMPO DE FUTEBOL DO COMPLEXO DA MARÉ

Recebido em: 30/08/2025

Aprovado em: 06/11/2025

Licença: 

Diogo Silva Nascimento¹

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9205-5353>

Marcelo Ribeiro Sales²

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias (FFCLDC)

Duque de Caxias – RJ – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8802-0986>

Roseane Oliveira do Nascimento³

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Parintins – AM – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0362-2249>

RESUMO: O artigo examina a centralidade do Campo do Minas Gerais na constituição das identidades e das dinâmicas socioculturais do território. Reconhecido como o primeiro campo de futebol da comunidade, o estudo reconstitui sua trajetória por meio de uma abordagem metodológica que integra história oral e etnografia, permitindo a compreensão das práticas cotidianas e das memórias que configuram esse espaço. Os

¹ Doutor em Estudos do Lazer (UFMG); Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (UERJ); Graduado em Pedagogia (UCB) e Educação Física (UNISUAM). Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM/ICSEZ). Pesquisador do Observatório de Impacto das Violências nas Favelas (Fiocruz), Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas do Esporte e do Lazer na Amazônia (GEPEL Amazônia) e Coordenador do Núcleo de Pesquisas Sociais em Favelas (NEPS/CEASM). Desenvolve pesquisas sobre lazer, esporte, território, favela, juventudes e desigualdades sociais.

² Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas - UERJ. Especialização na Universidade Cândido Mendes no curso de História e Cultura Afro-Brasileira. Possui graduação em História pela Fundação Educacional de Duque de Caxias. Sou licenciado em Pedagogia e Geografia. Atua como professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias FEUDUC. Atua também como professor voluntário em cursos comunitários preparatórios para as provas do ENEM.

³ Licenciada em Educação Física e especializada em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Nilton Lins - Manaus/AM. Experiência em Educação Física Escolar, Iniciação Esportiva (Futebol, Futsal, Natação e Capoeira). Mestre em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo na área de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano. Doutora em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo na área de Biodinâmica do Movimento do Corpo Humano. Atualmente é professora adjunto do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), no município de Parintins.

resultados evidenciam que o campo extrapolava a função esportiva, constituindo-se como um espaço multifuncional de lazer, convivência e sociabilidade. As festas juninas, aniversários e demais celebrações realizadas nesse local o transformavam em um núcleo articulador das relações comunitárias, no qual se teciam vínculos afetivos, redes de solidariedade e sentidos compartilhados de pertencimento. A partir da perspectiva etnobiográfica, os autores demonstram como as narrativas dos moradores revelam processos de construção identitária enraizados na experiência vivida do território. As memórias evocadas sobre o campo não apenas narram um passado, mas produzem significados que reafirmam a potência simbólica do lazer como prática social e cultural. Assim, o estudo interpreta o espaço de lazer na favela como um território cultural e memorial, em que os laços comunitários se configuram como formas de (re)existência frente aos estigmas e processos de exclusão urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Futebol. Favela.

TIDE OF FOOTBALL: MEANINGS AND SOCIABILITIES OF THE FIRST FOOTBALL PITCH IN THE MARÉ COMPLEX

ABSTRACT: The article examines the centrality of Campo do Minas Gerais in the constitution of identities and sociocultural dynamics in the territory. Recognized as the community's first soccer field, the study reconstructs its trajectory through a methodological approach that integrates oral history and ethnography, allowing for an understanding of the daily practices and memories that shape this space. The results show that the field went beyond its sporting function, constituting a multifunctional space for leisure, coexistence, and sociability. The June festivals, birthdays, and other celebrations held there transformed it into a hub for community relations, where emotional bonds, solidarity networks, and shared senses of belonging were woven. From an ethnobiographical perspective, the authors demonstrate how residents' narratives reveal processes of identity construction rooted in their lived experience of the territory. The memories evoked about the countryside not only narrate a past, but also produce meanings that reaffirm the symbolic power of leisure as a social and cultural practice. Thus, the study interprets the leisure space in the favela as a cultural and memorial territory, in which community ties are configured as forms of (re)existence in the face of stigmas and processes of urban exclusion.

KEYWORDS: Leisure. Soccer. Slum.

Introdução

No campo, a terra solta, durante os jogos, a cada chute levantava um redemoinho de pó, os jogadores caíam e rolavam na poeira. Em dias de chuva, caía-se na lama, às vezes até se machucava, mas a disputa continuava. Juntos estavam os operários, os vagabundos, os marginais em hora de gozo e lazer (Evaristo, 2017, p. 23).

Ao organizar alguns antigos arquivos, avistei um álbum de fotos com imagens de que eternizaram momentos importantes ligados ao futebol comunitário no Complexo da Maré-RJ. Me lembrei da época em que, ao voltar da escola, ainda moleque, já ia largando a velha mochila e a calça jeans, já tingida várias vezes, para jogar o tão prazeroso “futebolzinho”.

Era assim todo santo dia. Corria para casa, jogava a mochila e a calça por cima do portão e partia direto para a pelada de golzinho montado com restos de tijolos na Praça dos Caetés, no Morro do Timbau (Maré). Além da alegria estampada em nossos rostos, um sentimento de tranquilidade fazia o corpo ter mais gingado durante a partida. Esse gingado nos acompanhava até o céu escurecer por completo e nossas mães nos chamarem para casa.

Nossa relação com o futebol sempre foi profunda. Parafraseando Marcus Faustini (2009), pode-se dizer que “todo menino da favela cresce acreditando que será jogador de futebol”. Antes mesmo de dominar as palavras ensinadas na escola, ele aprende a driblar — gesto que se torna sua primeira forma de expressão e de pertencimento. O drible é, nesse contexto, um passaporte simbólico que garante lugar nas peladas da comunidade e, sobretudo, o reconhecimento entre os seus. Assim como a internet se tornou onipresente no mundo contemporâneo, o futebol atravessa todos os cantos da favela, fazendo parte do cotidiano, das narrativas e dos sonhos que moldam a vida local.

Além do futebol, vivíamos outras experiências marcadas pela criatividade. A necessidade, muitas vezes, era o motor das nossas invenções. Lembro que nas partidas, éramos nós mesmos quem construíamos e mantínhamos as traves, sempre com a ajuda do serralheiro Seu Mininito. A relação com ele era de grande proximidade — sua

pequena serralheria, localizada no fim do beco onde morávamos, era parte do nosso cotidiano. Em muitos finais de semana, aquele espaço de trabalho se transformava em um verdadeiro salão de festas, onde aconteciam aniversários, comemorações juninas e as tradicionais resenhas após os jogos.

Ao revisitar essas lembranças, percebi que o tempo havia transformado as memórias em uma espécie de fio condutor entre o passado e o presente. Com o passar dos meses, decidi reencontrar antigos moradores ligados ao futebol na Maré, na tentativa de compreender como aquelas experiências de lazer permaneciam vivas em nossas narrativas. Durante as conversas, tornou-se evidente que as lembranças compartilhadas dos espaços de lazer — o campo, a viela, a serralheria — ainda mobilizavam afetos, pertencimentos e sentidos de comunidade.

Essas memórias, mais do que simples recordações, funcionavam como dispositivos de continuidade cultural, revelando o poder simbólico do lazer como prática social capaz de manter viva a história e a identidade do território. Nesse movimento, o ato de rememorar assumiu um caráter político e afetivo, reafirmando que os lugares vividos seguem pulsando nas narrativas e nos corpos daqueles que os experimentaram.

Desse modo, em diálogo com outros pesquisadores interessados na temática, foram marcados encontros no Museu da Maré. Seguindo os fios tecidos nesses momentos, passaram a ser procurados moradores que, no passado, organizaram times de futebol. Inicialmente, ao serem abordados, percebeu-se que, ao demonstrar interesse, emergiam inúmeras narrativas que entrelaçavam os espaços de lazer à própria construção do bairro.

Além das memórias já consolidadas, novas experiências de lazer passaram a emergir, trazendo à tona dimensões até então pouco exploradas. Entre essas vivências, destacou-se o Campo do Minas Gerais, reconhecido como o primeiro campo de futebol do Complexo da Maré. Localizado na divisa entre as favelas Morro do Timbau e Baixa do Sapateiro, esse espaço constituiu-se como um marco territorial e simbólico, articulando práticas esportivas, sociabilidades e histórias comunitárias que ajudam a compreender a formação das territorialidades do lazer na região.

Mais do que um simples campo, tratava-se de um território simbólico de encontro e convivência, no qual se teciam redes sociais e afetivas fundamentais à vida comunitária. Contudo, na década de 1950, o local foi substituído por uma Escola Municipal, em um processo conduzido pelo poder público, que materializou uma das tantas transformações urbanas que reconfiguraram o território da Maré.

Em conversas cotidianas com antigos moradores, emergiu uma riqueza de vivências que revelou a necessidade de torná-las públicas, sobretudo porque seus próprios protagonistas desejavam narrar suas histórias. Havia, entre eles, o desejo explícito de falar sobre os espaços de lazer como “experiências culturais” que contribuíram para a formação da identidade e da memória coletiva do bairro (Melo, 2003, p. 55).

A escuta atenta a esses sujeitos e às suas trajetórias evidenciou que pesquisar tais vivências significava ir além do registro das práticas de lazer. Implicava interpretar as dinâmicas sociais, culturais e afetivas que, ao longo do tempo, se constituíram na Maré — revelando como o campo do Minas Gerais se tornou um espaço de pertencimento, sociabilidade e construção de territorialidades.

Como destaca Melo (2003), os momentos de lazer constituem instâncias privilegiadas de produção de sentidos identitários, nas quais os sujeitos reelaboram suas vivências e afirmam sua presença no mundo. Nesse contexto, o lazer vivido nos campos da Maré revela-se não apenas como simples atividade recreativa, mas como expressão cultural e política. Por meio dele, a comunidade constrói e reafirma sua história, tece vínculos de pertencimento e sustenta formas cotidianas de resistência frente às desigualdades que marcam o território.

Os momentos de lazer não podem ser compreendidos como espaço de fuga ou alienação, desconectados da realidade social. (...) A atuação no âmbito do lazer pode, bem como, promover uma grande importância na qualidade de vida individual e coletiva (Melo, 2003, p. 78).

Por se tratar da localidade mais antiga do Complexo da Maré e por concentrar os primeiros registros do campo mais antigo do território, a pesquisa teve como objetivo principal analisar os sentidos e significados atribuídos a esse campo de futebol a partir das memórias de moradores, registros fotográficos, documentos e outras fontes históricas.

A escolha do local também se justifica pela necessidade de ampliar os estudos produzidos nas favelas, espaços frequentemente marginalizados nas narrativas urbanas e acadêmicas. Investigar o lazer e o futebol na Maré significa reconhecer a potência epistemológica desses territórios, nos quais práticas cotidianas, afetos e resistências revelam formas próprias de organização social, cultural e simbólica.

Nesse sentido, o Campo do Minas Gerais é compreendido não apenas como um espaço físico, mas como um território de experiências comunitárias, cuja materialidade e memória ajudam a compreender os processos de formação identitária e cultural da Maré, evidenciando a relevância de olhar para a favela como lugar de produção de conhecimento e de elaboração de outras racionalidades urbanas.

Caminhante Pesquisador

Ao definir esse objeto de estudo, realizamos um inventário de caráter etnográfico e documental, que envolveu o mapeamento, a descrição e a análise de materiais e memórias relacionadas ao cotidiano comunitário do Morro do Timbau. Foram consultadas fontes diversas, como documentos do acervo do Museu da Maré, recortes de jornais e registros fotográficos, os quais possibilitaram reconstruir parte significativa da trajetória local e dos espaços de lazer.

Nesse processo, destacou-se o Senhor conhecido como Zé Toré, dono de um bar e figura emblemática da Maré, cuja colaboração foi de suma importância na pesquisa. Ele forneceu uma lista de pessoas-chave, reconhecidas pela memória viva que guardam sobre o Campo do Minas Gerais e sobre a vida comunitária em torno do futebol e do lazer.

A partir dos primeiros registros coletados, tornou-se possível ampliar a compreensão sobre o papel dos campos enquanto espaços de produção social e simbólica. Mesmo quando simples ou improvisados, esses lugares se configuravam como territórios de sociabilidade fundamentais, nos quais se teciam vínculos afetivos, identitários e comunitários. O Campo do Minas Gerais, por exemplo, já na década de 1940, destacava-se como um importante espaço de encontro e convivência. Ali, o lazer, o futebol e as relações cotidianas contribuíam para a construção de práticas de pertencimento e reconhecimento coletivo entre os moradores do Morro do Timbau, funcionando não apenas como um espaço esportivo, mas como um núcleo articulador de experiências culturais e das formas de vida que marcaram a história do bairro.

Contudo, após encontrar pessoas de 70, 80 e 90 anos que queriam compartilhar suas memórias sobre o campo, o desafio estava em encontrar maneiras de integrar as

técnicas de pesquisa da história oral e da etnografia, pois, além das entrevistas, os percursos e as sociabilidades que envolveram a coleta de dados forneceram análises valiosas para compreender melhor o papel do campo na vida dos moradores.

Diante da centralidade das abordagens teóricas e metodológicas que orientavam as investigações, etnografia e história oral, aprimoramos nossas reflexões com o objetivo de pensar em uma possível etnobiografia. O ponto de partida era entender a conexão dos antigos moradores com o campo a partir de uma rede de significados. Desse modo, consideramos esses indivíduos como agentes e intermediários de processos, sentimentos que potencializavam a circulação de ideias e emoções quando remontavam a importância do campo em suas vidas.

A abordagem etnográfica adotada nesta pesquisa possibilitou múltiplas formas de acesso à cultura local, permitindo compreender como as histórias de vida se constituem em pontos de partida legítimos para a análise das identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, o diálogo entre a etnografia e a história oral mostrou-se particularmente produtiva, pois articula experiência, narrativa e contexto social como dimensões indissociáveis da memória.

Ao refletir sobre essa integração, Portelli (2010) destaca que o relato da história oral deve ser compreendido simultaneamente como referência e autorreferência, uma vez que, ao narrar o passado, o sujeito também reconstrói a si mesmo no presente. Essa perspectiva reforça a importância de considerar as interconexões entre a metodologia da história de vida, o tempo presente e a memória, evidenciando a natureza relacional da identidade e seus vínculos com a antropologia e as práticas culturais.

Após considerar o potencial dos indicadores de produção de identidades nas abordagens de campo da história oral e etnografia, especialmente na exploração das

histórias de vida, avançamos para as dimensões simbólicas que as memórias do campo revelam. Compreendemos que, em toda sociedade, existem códigos culturais que possibilitam a leitura, a apropriação e a utilização dos espaços. Por meio do uso desses códigos, são formadas as ideias de localização, territorialidade e outros conceitos pertinentes e adequados.

Assim, para que possamos entender melhor a importância do Campo do Minas Gerais em um espaço favelado historicamente estigmatizado, apresento-lhes o território do Complexo da Maré que, segundo Santos (1984, p. 13), criou “múltiplos contextos cotidianos”.

Conhecendo o Território Mareense

O surgimento das favelas brasileiras, especialmente no Rio de Janeiro, está profundamente ligado às transformações sociais e urbanas do final do século XIX e início do XX. Após a abolição da escravidão (1888) e o fim do regime monárquico (1889), grandes contingentes de pessoas negras libertas e migrantes pobres foram empurrados para as margens da cidade, sem acesso a políticas de moradia ou emprego digno.

Segundo Brum, Gonçalves e Amoroso (2024), o Estado republicano e as elites urbanas viam as populações pobres como “classes perigosas”, associadas à desordem e à insalubridade. Assim, políticas urbanas e sanitárias do período — conduzidas por engenheiros e médicos — promoveram remoções de cortiços e a expulsão dos trabalhadores do centro, contribuindo diretamente para o surgimento das primeiras favelas

Um dos marcos simbólicos é a favela do Morro da Providência, formada por ex-combatentes da Guerra de Canudos (1897), que ocuparam o morro próximo à região portuária. Com o tempo, o termo “favela” — originário de uma planta típica do sertão baiano — passou a designar genericamente esses assentamentos informais.

Durante o século XX, o crescimento das favelas esteve diretamente relacionado ao processo de urbanização acelerada, à ausência de políticas habitacionais e ao êxodo rural que marcou o deslocamento de populações do interior para as grandes cidades. Esses territórios se consolidaram como espaços de moradia popular e resistência social, ainda que, por muito tempo, tenham sido tratados pelas autoridades como “problemas urbanos” a serem erradicados.

Em síntese, o surgimento das favelas expressa uma história de exclusão e resistência urbana no Brasil, resultado direto da herança escravocrata, da desigualdade social e das políticas excludentes de planejamento urbano que acompanharam a modernização das cidades brasileiras.

Como observam Brum, Gonçalves e Amoroso (2024, p. 3):

Ao longo de suas primeiras décadas de existência, a palavra favela foi gradativamente naturalizada como um território de pobreza, falta de higiene, moradia de pessoas negras e precariedade das habitações, sem carecer de maiores explicações como fenômeno urbano que não fosse, por um lado, a intensa urbanização das cidades brasileiras e o êxodo rural; e, por outro, as características de seus moradores, compreendidos como inabilitados para a civilização urbana, seja por questão de raça, seja pela pretensa origem rural.

Essa leitura evidencia que a construção discursiva sobre a favela foi historicamente atravessada por uma visão estigmatizante e racializada, que desconsiderava as dimensões sociais, culturais e políticas desses territórios, reduzindo-os a símbolos de desordem, carência ou atraso.

Entretanto, na contramão dessa perspectiva excludente, as décadas seguintes apenas reforçaram a presença incontornável da favela no imaginário e no espaço

urbano. O termo, antes marginal, tornou-se inseparável da própria configuração da cidade, assim como seus moradores, que passaram a ocupar um lugar ambíguo — integrados funcionalmente, mas mantidos simbolicamente à margem. Independentemente do projeto urbano em curso, a favela era sempre concebida como um tipo específico de lugar e de gente, cuja distância física e social era desejada pelas elites e pelos gestores da cidade.

Segundo Milton Santos (2007), a pobreza não decorre apenas de fatores econômicos, mas também de questões geográficas e simbólicas, que produzem uma hierarquização dos territórios e, conseqüentemente, das pessoas que neles vivem. O valor social dos sujeitos passa, assim, a ser determinado pelo lugar que ocupam na cidade, evidenciando o caráter estrutural da exclusão e a maneira como o espaço urbano reflete e reproduz as desigualdades sociais.

Nesse contexto, o Conjunto de Favelas da Maré, historicamente marcado pelas “ausências” e omissões do poder público, torna-se expressão concreta dessa lógica de desigualdade territorial. A precariedade das políticas de habitação, infraestrutura e segurança explicita o que Alba Zaluar (2003) denomina “manifestação de injustiça distributiva”, isto é, a distribuição desigual de recursos, direitos e oportunidades entre os diferentes espaços da cidade.

A Maré é composta por um conjunto heterogêneo de localidades e conjuntos habitacionais situados na zona norte do Rio de Janeiro, cuja formação expressa tanto os processos de migração e expansão urbana do século XX quanto as estratégias cotidianas de (re)existência desenvolvidas por seus moradores frente à histórica exclusão social e territorial.

Localizada em uma posição estratégica da cidade, a Maré encontra-se próxima à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e delimitada por duas das principais vias expressas — a Linha Vermelha e a Linha Amarela —, o que evidencia o contraste entre sua centralidade geográfica e sua marginalização política e simbólica.

De acordo com o Censo Populacional da Maré (Redes da Maré, 2019), a região abrigava 139.073 habitantes, distribuídos em 47.758 domicílios e organizados em 16 comunidades. Ainda, segundo o levantamento, a formação da Maré remonta à década de 1940, com a chegada de pescadores e migrantes nordestinos que ocuparam áreas alagadiças e de mangue. As primeiras moradias, erguidas em barracos e palafitas, deram origem ao Morro do Timbau, reconhecido como a primeira comunidade da região e núcleo inicial de um processo de ocupação que, nas décadas seguintes, se expandiria de forma contínua e autogerida.

O nome Maré tem origem na proximidade das águas que, em seu curso natural, faziam o nível subir periodicamente, influenciando diretamente a vida dos primeiros moradores. Essa condição geográfica singular — marcada por áreas alagadiças e terrenos instáveis — impôs diversos desafios à ocupação humana. As construções precárias, erguidas sobre o solo úmido e vulnerável, favoreciam a proliferação de animais peçonhentos e roedores, o que, por sua vez, contribuía para o aparecimento de doenças e situações de insalubridade.

Mais do que um simples nome, “Maré” passou a designar uma condição de vida — uma relação cotidiana com o território, construída entre a adversidade ambiental e a capacidade de resistência de seus habitantes. Essa convivência forjou práticas comunitárias de enfrentamento e adaptação que, com o tempo, tornaram-se marcas identitárias do lugar e de sua gente.

Contudo, é inegável reconhecer o conjunto de estratégias e formas de resistência construídas pelos moradores da Maré, que, ao longo do tempo, vêm reapropriando e ressignificando o próprio nome do território, transformando-o em símbolo de afirmação cidadã, de direito à cidade e de participação ativa na produção do espaço urbano.

No caso específico da Maré, observam-se diversas mobilizações comunitárias que contribuíram de maneira decisiva para essa luta. Entre elas, destacam-se as Associações de Moradores, que se consolidaram como braços políticos e organizativos da população local, exercendo um papel fundamental na mediação com o poder público, na defesa de direitos coletivos e na criação de espaços de lazer, cultura e convivência comunitária. Essas iniciativas revelam como o território se constrói não apenas como lugar de moradia, mas também como campo de disputa simbólica e política, onde se afirmam identidades, memórias e projetos de futuro.

Campo do Minas Gerais, o Primeiro Campo da Maré

Quem passa pela Rua Nova Jerusalém, uma das principais vias do Complexo da Maré, logo se depara com uma intensa movimentação de carros, pedestres e atividades comerciais. Ao longo da rua, distribuem-se empresas, bares, lanchonetes e pequenos comércios populares, compondo um cenário que expressa a vitalidade cotidiana e o ritmo acelerado da vida na favela — um fluxo constante de pessoas que circulam entre a Avenida Brasil e as áreas internas da comunidade.

Subindo a rua em direção ao Morro do Timbau, a paisagem revela um imponente prédio público com a placa da prefeitura: trata-se da Escola Municipal IV Centenário, uma das primeiras instituições de ensino instaladas dentro da Maré. De acordo com informações publicadas no site da escola, sua construção foi possível graças

à “doação do terreno”, no qual, anteriormente, havia a menção de um campo de futebol — vestígio material e simbólico das práticas de lazer que marcaram as origens do território.

Em 1957, a comunidade da Baixa do Sapateiro doou uma área usada como campo de futebol, na rua Nova Jerusalém nº 495 – Morro do Timbau, para a construção de um prédio escolar. No dia treze de maio de 1958, a escola começou a funcionar com o nome de Escola Serpha, com apenas duas salas de aula. No ano de 1965, a Associação de Moradores da Baixa do Sapateiro pediu a ampliação do prédio. O governo cedeu o material necessário e a comunidade se encarregou da mão de obra. Em 12 de agosto de 1965, foram inauguradas mais quatro salas de aula. Como neste ano comemorava-se o aniversário de 400 anos de fundação da cidade do Rio de Janeiro, nossa escola recebeu o nome de IV Centenário. Em 2008, este prédio foi demolido. O antigo espaço deu lugar a um prédio de 3 andares, inaugurado em abril de 2011 (Escola..., 2018).

Atrás da escola há um largo que, há décadas, se consolidou como um espaço de múltiplas expressões culturais, palco de eventos de samba, funk e rock que mobilizam diferentes gerações de moradores. O último desses estilos, em especial, era promovido e financiado por Zé Toré, dono do bar que leva seu nome — um estabelecimento que se tornou referência simbólica e afetiva para a comunidade.

O Bar do Zé Toré é mais do que um ponto de lazer: trata-se de um território de sociabilidade popular, onde convivem universitários, alunos do pré-vestibular comunitário e antigos jogadores de futebol que fizeram história nos campos de pelada da região. É, como se pode dizer, um espaço de vanguarda comunitária, em que o passado e o presente da Maré se entrelaçam em conversas, músicas e memórias compartilhadas.

Foi nesse ambiente que foram identificados moradores que haviam jogado em diferentes times da Maré. Entre as histórias compartilhadas, muitos mencionavam aqueles que atuaram no Campo do Minas Gerais. O primeiro nome a surgir foi o de Seu Parodi, que demonstrou grande entusiasmo ao saber do interesse da pesquisa sobre o antigo campo — entusiasmo que rapidamente se transformou em longas conversas e

valiosos relatos sobre a trajetória do futebol e sobre as formas de vida comunitária que marcaram a Maré ao longo das décadas.

Logo na primeira entrevista, Seu Parodi começou a narrar como se deu o início de sua relação com o campo. Contou, com um sorriso, que seu nome verdadeiro é Sebastião e que “Parodi” não tinha nada a ver com o registro de nascimento. A curiosidade foi imediata e, sem hesitar, ele explicou a história do apelido.

O Botafogo jogou com o Vasco sábado à noite e o Vasco ganhou de um a zero, gol de Parodi, furou a rede, entendeu? Sabe de uma coisa, eu não conheço ninguém aqui, eu vou jogar o que eu sei jogar. Dei um balão no primeiro, enganei o segundo, entrei e dei uma pancada, furou a rede, um a zero. Aí ficaram as crianças gritando: ‘É Parodi, É Parodi’ por causa do gol do Parodi do Vasco. Ficou e até hoje a Maré toda me conhece como Parodi.

Em seguida, Seu Parodi passou a descrever, com riqueza de detalhes, a Maré de suas lembranças, quando ainda era um território pequeno e tranquilo: “Era sossegada, e tinha muitas palafitas. Era tudo legal. Legal mesmo. Sempre gostei disso aqui. No Rio de Janeiro, acho que não tem lugar melhor que esse aqui.”

De acordo com registros do Museu da Maré (CEASM, 2003), na década de 1950 o conjunto de favelas era composto por apenas três localidades: Morro do Timbau, Parque Maré e Baixa do Sapateiro. O Campo do Minas Gerais localizava-se justamente na divisa entre o Timbau e a Baixa do Sapateiro, funcionando como um dos únicos espaços abertos e coletivos da região.

Quando questionado sobre as áreas de lazer da época, Parodi foi categórico: “Só existia o campo. Aqui não tinha nada de lazer.”

Essa afirmação reforça a ideia de que o Campo do Minas Gerais foi o primeiro campo de futebol da Maré, sobretudo porque os aspectos geográficos da região — marcada por diversas áreas alagadiças — limitavam a existência de outros espaços adequados para a prática esportiva. Possivelmente, tratava-se também de uma das

primeiras áreas de lazer do bairro, desempenhando um papel central na construção das sociabilidades locais. Parodi jogava pelo time Diamante Negro, uma equipe lendária na memória futebolística da comunidade, frequentemente lembrada como o maior time da história da Maré. Em tom de brincadeira e orgulho, ele costumava dizer que o Diamante Negro era “a seleção de 1982 da Maré” — uma metáfora afetiva que revela o prestígio e o valor simbólico do futebol na vida coletiva do território.

Segundo os relatos de Seu Parodi, o Diamante Negro foi fundado em 1952, período em que começaram a surgir também outros times locais, como o Sete de Setembro, o Cruzada, o Onze Irmãos e o ABC. Essas equipes, formadas por moradores das diferentes comunidades da Maré, expressavam não apenas a paixão pelo futebol, mas também o forte sentido de pertencimento e organização comunitária que caracterizava a vida local naquele período.

Seu Parodi também relatou as relações sociais e profissionais que se teceram a partir do convívio no campo. Contou que sua trajetória como eletricista teve origem justamente nas amizades e trocas de experiências construídas naquele espaço. O campo funcionava como um território de sociabilidade e ajuda mútua, onde as conversas extrapolavam o futebol e se transformavam em redes de apoio e solidariedade. Quando alguém ficava desempregado, a notícia logo se espalhava entre os companheiros do time — e foi nesse contexto que Parodi recebeu a indicação para um trabalho como auxiliar de eletricidade, profissão que abraçou e exerceu pelo resto da vida.

Como observa Mayol (1996, p. 84), “parentes de operários, morando em bairro de operários, acabam influenciando a prática de profissões exercidas no lugar em que se mora.” Essa afirmação ajuda a compreender como, em contextos populares, o trabalho e o lazer se entrelaçam, produzindo redes de pertencimento e de reprodução social.

No caso da Maré, marcada por condições periféricas e por uma juventude sem formação técnica formal, o campo de futebol assumia um papel central: era o lugar do encontro e das oportunidades, onde circulavam afetos, solidariedades e possibilidades concretas de transformação da vida.

Por se tratar de jovens na casa dos vinte anos, era comum que irmãs, primas e vizinhas frequentassem o campo para assistir aos jogos e participar da atmosfera festiva aos finais de semana. Nessa rotina de encontros e sociabilidades, surgiram diversas relações amorosas, como a de Seu Parodi, que mais tarde resultaria em casamento. Durante a entrevista, ao relembrar essa fase, sua esposa, que escutava a conversa atentamente, mostrou sorridente um quadro com a foto da festa de 50 anos de casamento — uma cena que materializa a afetividade e o enraizamento dessas memórias.

Como observa Alvito (2001, p. 63), “é comum em territórios favelados namoros e casamentos ocorrerem dentro de uma mesma microárea”. Essa constatação ajuda a compreender como o campo de futebol se configurava como um lugar de convivência e de construção de vínculos afetivos, reforçando o papel do lazer como espaço de formação de identidades e pertencimentos.

Ao longo da entrevista, Parodi, já com seus 70 anos, demonstrava dificuldades de memória em relação a alguns eventos específicos — como o fim do time Diamante Negro ou o processo de desativação do campo. Ainda assim, deixava evidente sua forte identidade com o lugar e relatava que a extinção do campo enfraqueceu seu vínculo com o futebol e com a própria dinâmica comunitária.

Sempre que surgiam dúvidas ou lapsos de memória, Parodi dizia: “Pergunta pro Duda, ele vai lembrar melhor que eu.” Esse gesto simples evidencia o caráter coletivo

da lembrança, pois, como aponta Halbwachs (2003), a memória individual está sempre ancorada na memória do grupo, sendo continuamente reconstruída nas interações sociais.

No “primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria dos seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiverem mais frequentemente em contato com ele” (Halbwachs, 2003, p. 51).

Diferente das entrevistas com o Seu Parodi, a aproximação com o Seu Duda envolveu certos rituais e códigos de aproximação, típicos das relações de confiança construídas em contextos comunitários. Encontrá-lo não foi difícil — ele é conhecido por manter uma barraca de lanches na comunidade Baixa do Sapateiro. No entanto, no primeiro contato, a barraca estava fechada. Ao chamá-lo na casa ao lado, ele próprio apareceu por uma pequena abertura na janela e, de forma cautelosa, pediu que retornássemos no dia seguinte.

Cumprindo o combinado, voltamos no dia seguinte e o encontramos em uma roda de amigos, em um bar próximo à sua casa. Ansiosos para iniciar a conversa, apresentemos de imediato os objetivos da pesquisa. No entanto, logo percebemos que Duda mantinha certa reserva, demonstrando pouca receptividade — mesmo quando mencionamos ligação com a Maré. Naquele momento, as palavras pareciam não ser suficientes.

Diante das dificuldades inerentes a esse tipo de pesquisa, as reflexões de Magnani (1984) sobre o conceito de “pedaço” — entendido como um território de pertencimento e sociabilidade no qual o pesquisador precisa se inserir de maneira orgânica, compartilhando o tempo, o espaço e as práticas locais — mostraram-se fundamentais. Suas ideias ajudaram a compreender que a construção do campo não se dá apenas por observação, mas por uma aproximação gradual, tecida no cotidiano.

Assim, tornou-se imprescindível participar das conversas que emergiam espontaneamente, acompanhar os encontros informais e estar presente nos espaços onde as memórias e experiências se atualizavam

Aproveitamos o momento e compartilhamos mais detalhes da pesquisa e das conversas anteriores, especialmente com Seu Parodi. Ao ouvir esse nome, o grupo se abriu de vez — os olhares se tornaram mais amistosos e as risadas mais fáceis. A partir dali, estávamos todos em intimidade, e a conversa fluía como entre velhos conhecidos, revelando um ambiente de confiança essencial à pesquisa de campo.

O aspecto mais interessante desse movimento foi a percepção de um território simbólico que Duda e seu grupo expressavam em suas interações. Tratava-se de um coletivo de senhores, antigos participantes das experiências de lazer na Maré, que compartilhavam códigos próprios de convivência e ritos de aceitação — elementos que demarcavam quem podia ou não circular e participar das conversas naquele espaço.

Esses marcadores simbólicos revelavam que o campo e seus desdobramentos cotidianos não eram apenas lugares físicos, mas também territórios de pertencimento e reconhecimento social, sustentados por práticas, memórias e vínculos afetivos.

Ao refletir sobre processos semelhantes, Magnani (1984) descreve sua inserção em um “pedaço” — um bar localizado em uma zona periférica —, destacando como esses espaços funcionam como núcleos de sociabilidade, onde o pertencimento é construído por meio de relações de confiança, convivência e compartilhamento de códigos culturais. O encontro com Duda e seus companheiros revelou um “pedaço” vivo da Maré, no qual a memória, o lazer e a amizade se entrelaçam como dimensões estruturantes da vida comunitária.

Segundo Magnani, o acesso a esses grupos envolve rituais profundamente vinculados ao território. Em suas palavras:

Acerquei-me de um grupo que trocava uma ideia animadamente no bar da padaria “Três Irmãos”, ao cair da tarde. Perdi uma bebida e, atento à conversa que se desenrolava ao lado, vez por outra arriscava um palpite se o tema não provocara muita polêmica, ou então confirmava com um “é isso aí”, quando interpelado diretamente pelo “é”, ou “não é?”. Introduzindo desta forma na conversa — o círculo abriu-se, permitindo a entrada no grupo — o passo seguinte foi aceitar o copo que alguém me estendeu e, em seguida, pagar uma rodada, o que aparentemente dava-me direito a maiores intervenções (Magnani, 1984, p. 135).

Após muito bate-papo sobre uma Maré que não existe mais, o bar foi esvaziando e Duda começou a falar mais sobre as memórias sobre o campo. Algo que chamou a atenção é que, assim como Parodi, Duda também só é conhecido pelo apelido. Quando perguntado sobre o seu nome, Duda respondeu: “Meu nome é Fidelcino. Bota Duda, porque pelo nome ninguém me conhece”.

Duda contou que chegou à Maré em 1948, quando tinha apenas oito anos de idade, vindo de Itaperuna, no interior do Rio de Janeiro. Relatou que morava em frente ao Campo do Minas e que o campo já existia naquela época, sendo cuidado por um senhor chamado Zacarias — figura central na manutenção e na organização do espaço.

Ao descrever o antigo administrador, Duda recordou: “Ele tinha o time chamado *Minas Gerais* e, quando não tinha jogo do Minas, ele alugava o campo de manhã até a tarde, antes do Minas jogar futebol.” Com firmeza na voz, Duda enfatizou que o time mais antigo de que tinha lembrança era o Minas Gerais F.C.: “Eu era criança quando ele já existia.”

Essas informações revelaram dois dados fundamentais para a pesquisa. O primeiro é que o campo do Minas Gerais já existia desde a década de 1940; o segundo que o campo pertencia ao time homônimo, sendo reconhecido na comunidade como o

“Campo do Minas Gerais”. Até então, tais referências eram desconhecidas — nem mesmo Seu Parodi havia mencionado essas origens com tanta clareza.

A partir dessas revelações, tornou-se evidente que o campo possuía uma história mais complexa e significativa do que se supunha inicialmente. Não se tratava apenas de um simples campo de várzea, mas de um espaço estruturado e reconhecido na região, dotado de organização e de prestígio. Como Duda descreveu: “Tinha tudo. Era um campo de terra, mas era um campo muito bom... Era marcado na base da cal.”

Essa fala revela que, mesmo em condições materiais simples, havia um cuidado simbólico e coletivo com o campo — um investimento afetivo e social que o elevava à condição de patrimônio comunitário, articulando esporte, identidade e pertencimento no cotidiano da Maré.

Figura 1: Campo do Minas Gerais



Fonte: Acervo Museu da Maré, 2019.

Na base de dados do Museu da Maré, foi possível localizar uma fotografia histórica do campo mencionado por Duda. Segundo ele, a imagem mostra o time do

Minas Gerais uniformizado e, à esquerda, o Seu Zacarias, identificado por sua vestimenta clara.

A leitura atenta da fotografia revela traços marcantes do ambiente local: as árvores ao fundo, o chão de terra batida, uma baliza rudimentar e a figura de um homem trajando uniforme aparentemente militar. Esses elementos ajudam a compor uma paisagem social e simbólica, que reflete o cotidiano de um território em processo de consolidação — onde o futebol, o lazer e a convivência comunitária se entrelaçavam às condições materiais precárias e à inventividade popular.

Sobre a organização do campo, Duda explicou que havia uma taxa cobrada pelo presidente do Minas Gerais, Seu Zacarias, destinada à manutenção e gestão coletiva do espaço: “Todos os times que fossem jogar. No horário diferente, pagava-se para o presidente para poder conservar o campo. Botar rede, organizar eventos, comprar bolas.”

Esse relato revela que, mesmo em um contexto de escassez de recursos, havia formas autônomas de autogestão comunitária, nas quais o lazer não dependia do Estado, mas da colaboração entre os próprios moradores. O campo, portanto, assumia o papel de um bem comum, sustentado por práticas solidárias que articulavam o esporte, o trabalho e o cuidado coletivo — expressando o que Zaluar (2002) chama de uma “economia moral das periferias”, baseada na reciprocidade e na construção partilhada de pertencimento.

Duda também ofereceu detalhes importantes sobre o encerramento das atividades do Minas Gerais e o surgimento de uma nova geração de times: “Daqui, da época até cinquenta e oito, o Minas Gerais já tinha acabado e o Vila também. Aí que surgiram o Diamante Negro e o Onze Irmãos.”

Em seu relato, Duda reafirma o que Parodi havia mencionado sobre o papel pioneiro do campo: “Aqui só tinha esse. Na Maré, na época só tinha esse campo. Porque aqui tudo era mangue.”

Essas narrativas convergem para a compreensão de que o Campo do Minas Gerais foi o primeiro espaço de lazer estruturado da Maré, configurando-se como marco territorial e simbólico na formação das práticas esportivas e socioculturais do bairro. De um campo aparentemente modesto, emergiram histórias, vínculos e identidades que permaneceram vivas na memória dos moradores, embora até então pouco conhecidas — inclusive por aqueles que, de algum modo, tiveram suas trajetórias ligadas ao futebol local.

A existência de registros documentais reforça o valor histórico desse espaço. Na base de dados da Biblioteca Nacional, foi encontrado um exemplar do jornal *Tribuna Popular*, datado de 26 de janeiro de 1947, que traz uma reportagem sobre um jogo amistoso entre o Humaitá F.C. e o Minas Gerais, realizado no campo do Minas Gerais, em Bonsucesso, no dia 9 de fevereiro de 1947.

Esse achado comprova que, já na década de 1940, o Campo do Minas Gerais possuía reconhecimento institucional e visibilidade pública, funcionando como uma referência esportiva para a região de Bonsucesso e adjacências. O registro confirma que o futebol na Maré não se restringia a uma prática recreativa, mas se configurava como expressão de organização social, de articulação comunitária e de projeção simbólica — um território de memória e (re)existência em meio às transformações urbanas e à precarização histórica das periferias cariocas.

VISITARÁ BONSUCCESSO — No próximo dia 9 de fevereiro, na estação de Bonsucesso, o Humaitá F. C. tomará parte em grande movimentação futebolística, visitando o campo do Minas Gerais F. C.

A fim de dignificar o ‘Campeonato Popular’, o Humaitá F. C. só tem que agradecer aos seus numerosos admiradores e aos clubes suburbanos que gentilmente se dispuseram a tomar parte em jogos amistosos, como o caso do Minas Gerais F. C. de Bonsucesso, que medirá forças com o valoroso esquadrão do Humaitá F. C. de Sampaio.” (Tribuna Popular, 1947).

Esse registro, localizado na Biblioteca Nacional, trouxe novas leituras sobre o Campo do Minas Gerais, revelando que, já em meados da década de 1940, o local possuía reconhecimento esportivo e articulação com clubes de outras regiões da cidade. O campo, portanto, não era apenas um espaço comunitário de lazer, mas também um território de circulação simbólica e social, inserido na dinâmica do futebol suburbano carioca.

No decorrer da pesquisa, em busca de novos detalhes e memórias sobre esse primeiro campo da Maré, foi identificado um ex-jogador do time Minas Gerais, chamado Jair, conhecido entre os antigos moradores por ser um zagueiro muito respeitado. O contato surgiu, mais uma vez, no bar do Zé Toré, mediado por seu irmão — reafirmando esse espaço como núcleo de sociabilidade e de transmissão de memórias coletivas.

Novamente, foi necessário acionar os “códigos de inserção” próprios desse território simbólico de baluartes, no qual o acesso ao passado e às narrativas locais depende de reconhecimento, confiança e partilhas de pertencimento. Essa experiência evidencia que, na pesquisa realizada em favelas, o campo de investigação se entrelaça com o próprio campo social, onde o diálogo, a escuta e a convivência tornam-se tão fundamentais quanto o dado produzido.

Durante algumas semanas, mantivemos contato telefônico com o irmão de Jair, que se mostrou receptivo, mas bem cuidadoso. Antes de confirmar a entrevista, ele marcou um encontro no bar do Zé Toré — um espaço que, mais uma vez, se revelou com um importante núcleo de mediação e sociabilidade. Em um típico ritual ético de

meio de semana, os objetivos da pesquisa foram apresentados. Com o apoio e o convencimento de Zé Toré, o “passe aceito” para visitar o Velho Jairzão foi conquistado.

Logo no início da entrevista, familiares alertaram sobre possíveis lapsos de memória, em razão do estado de saúde do entrevistado. Ainda assim, Jair se mostrou participativo e, desde as primeiras falas, trouxe informações valiosas sobre o prestígio do time Minas Gerais e sua trajetória pessoal dentro dele: “O time era muito respeitado na região. Joguei desde o infantil até o time de cima.”

Jair relatou que o campo era palco de outras atividades além do futebol, revelando o caráter multifuncional do espaço: “Tinha festas e tinha jogos. Jogava o primeiro, o segundo time. Tinha muitas festas, e o próprio time dava festa também”.

Essas memórias indicam que, já na década de 1940, a Maré mantinha uma vida de lazer ativa, marcada por jogos de futebol, festas e eventos comunitários organizados pelos próprios moradores. O relato também corrobora as informações de Duda, confirmando a existência de uma taxa de uso destinada à manutenção do campo e à realização das festas, o que demonstra formas autônomas de gestão e solidariedade popular.

Quando questionado sobre o jogo histórico entre Minas Gerais e Humaitá, noticiado pelo *Tribuna Popular* em 1947, Jair respondeu de forma entusiasmada: “Eu assisti a esse jogo porque eu não jogava, eu era mais novo. (...) Ficou cheio. Quando o Minas Gerais jogava contra um time de fora, ficava lotado.”

A lembrança de Jair reforça o alcance social e simbólico do campo, que atraía moradores de diferentes áreas da Maré e de bairros vizinhos, consolidando-se como um dos primeiros espaços de encontro e de lazer coletivo da região. A narrativa também

permitiu compreender o futebol não apenas como prática esportiva, mas como expressão cultural e forma de sociabilidade popular, capaz de articular memórias, afetos e pertencimentos em torno de um território em formação.

Outro fato relevante mencionado por Jair foi sua lembrança precoce do time Minas Gerais. Quando perguntado desde quando se recordava do time, ele respondeu: “Existia. Eu tinha seis, sete anos de idade e a gente já brincava no campo.”

Considerando que Jair nasceu em 1934, essa lembrança indica que suas primeiras recordações do campo e do time remontam a 1940, o que antecipa ainda mais a origem do Campo do Minas Gerais e reforça sua antiguidade como espaço estruturado de lazer na região.

Ao buscar aprofundar a história do campo, Jair mencionou o nome de Dona Iara, esposa de Taica, um dos grandes jogadores do time Minas Gerais. Dona Iara ainda mora no mesmo local, nos fundos do antigo campo, desde a época em que o marido jogava — um detalhe que adiciona espessura temporal e afetiva à narrativa do território.

A entrevista com Dona Iara foi marcada por um ritual simbólico de acolhimento, mediado pelo tradicional “cafezinho de sábado à tarde” — gesto simples, mas carregado de significado cultural. Entre um gole e outro, a conversa se desenrolou com bom humor e lucidez. Aos 94 anos, Dona Iara mostrou uma memória viva e afetiva da Maré, relembrando sua chegada à comunidade ainda criança, com apenas dois anos de idade, e sua vida na Rua Nova Jerusalém, a mesma onde se localizava o Campo do Minas Gerais.

Dona Iara reforça a ideia de que o Campo do Minas Gerais já existia desde o final da década de 1930, situando-se entre os primeiros marcos de sociabilidade e lazer da região. Em suas palavras: “A minha vida era isso aí. Tinha muita planta, muitas

árvores. Tinha umas três casas quando eu vim morar aqui. Tinha o campo e muitas coisas aconteciam lá.”

Sua narrativa identifica uma paisagem ainda rural, marcada pela presença de vegetação abundante, poucas moradias e um modo de vida comunitário centrado em encontros, festas e brincadeiras. Ao lembrar-se do Sr. Zacarias, diretor do time e administrador do campo, Dona Iara associa o espaço à organização das festas populares que estruturavam o calendário cultural local: “Já tinha os meninos, brincava tudo ali, a gente fazia festa de São João, festa de São Pedro, tudo acontecia ali. E lá embaixo era a chácara do senhor Zacarias, uma chácara que tinha boi, tinha vaca.”

Esses relatos remontam a um período anterior à chegada do Exército à região, em 1947, com a instalação do 1º Regimento de Carros de Combate (RCC). Antes dessa intervenção militar, a área apresentava características rurais, evidenciadas pela existência de criação de gado, roçados e chácaras, o que demonstra que, mesmo nas décadas de 1930 e 1940, a Maré já possuía moradores permanentes e práticas sociais consolidadas.

As lembranças de Dona Iara também resgatam as festas de São Pedro e São João, que ocupavam papel central na vida comunitária: “(...) A maior festa que tinha aqui era a de São Pedro, durava três dias.”

Essas festas religiosas e profanas reforçam o papel do campo como espaço de encontro e de construção da vida coletiva, onde o futebol, a celebração e o lazer se entrelaçavam. O time Minas Gerais funcionava como agente articulador dessas sociabilidades, atraindo visitantes de outras regiões e mantendo o campo em constante movimento: “Vinha time de fora (...) tinha a festa, né? Eles vinham jogar. Aqui era Minas Gerais, o nosso time era Minas.”

Com a posterior militarização da área, novas dinâmicas de uso do espaço surgiram. Dona Iara recorda que os militares também utilizavam o campo para atividades físicas: “De vez em quando a gente via eles passando e parando para fazer ginástica. Na maioria das vezes, eles faziam a volta aqui no campo e desciam correndo pela rua dos Caetés.”

Essas memórias revelam uma transição simbólica e territorial: de um espaço comunitário e festivo, autogerido pelos moradores, para um território controlado e disciplinado pela presença militar. A fala de Dona Iara, permeada por afetos e detalhes do cotidiano, permite compreender como o campo sintetiza diferentes camadas históricas da Maré — da ruralidade à urbanização, da festa à vigilância —, reafirmando sua condição de lugar de memória, resistência e (re)existência popular.

Dona Iara também destacou a presença marcante das mulheres na torcida, elemento que compunha o ambiente vibrante dos jogos no Campo do Minas Gerais. Recordou, com carinho, que frequentava o campo para torcer pelo marido, Taica, um dos jogadores do time, e que muitas outras mulheres faziam o mesmo: “Várias vezes fui torcer pelo meu marido. A presença das mulheres era grande, a gente ficava à beira do campo, torcendo.”

Segundo ela, a participação feminina era parte essencial do espetáculo: mulheres, esposas, irmãs e vizinhas ocupavam as laterais do campo, formando uma torcida animada e expressiva. Esse dado revela que o futebol na Maré não era apenas um espaço de sociabilidade masculina, mas também um lugar de encontro comunitário que envolvia diferentes gerações e gêneros.

Em uma das raras fotografias encontradas do campo, é possível observar um grupo de mulheres em uma arquibancada improvisada, assistindo a uma partida — uma

imagem que materializa o protagonismo feminino na vida cotidiana e afetiva do bairro. Mais do que espectadoras, essas mulheres atuavam como guardiãs da memória e do pertencimento, dando forma a um lazer vivido coletivamente, no qual a presença feminina reafirmava o caráter familiar, popular e comunitário do campo.

Figura 2: Torcida no campo do Minas Gerais



Fonte: Acervo Museu Da Maré, 2019.

Figura 3: Confraternização dos jogadores do Minas Gerais



Fonte: Acervo Museu Da Maré, 2019.

Na Figura 2, observa-se Seu Taica (de camisa estampada), marido de Dona Iara, ao lado de seus companheiros do time Minas Gerais. A imagem exemplifica os relatos sobre as confraternizações que ocorriam após os jogos, muitas vezes em um bar próximo à casa do Sr. Zacarias, diretor e administrador do campo.

Segundo Magnani (1984, p. 139), o “ritual do mé” — expressão popular para o momento de beber e conversar após os jogos — constitui uma importante forma de sociabilidade nos campos de várzea, fortemente vinculada ao pertencimento ao pedaço. Esse ritual, como observa o autor, “aproxima os indivíduos por meio das preferências desportivas, da lembrança do encontro, um dia, em algum baile ou jogo de várzea”, fortalecendo os laços de amizade e memória coletiva em torno do território.

Com o fim do time Minas Gerais, que segundo as entrevistas teria ocorrido na década de 1950, novas equipes surgiram e passaram a utilizar o campo, dando continuidade à tradição futebolística da Maré. Um dos principais times desse novo período foi o Diamante Negro, em que Duda e Parodi atuaram. Segundo Duda, o nome do time foi uma homenagem a Leônidas da Silva, o célebre jogador conhecido nacionalmente como “Diamante Negro”, ídolo popular e símbolo de talento e resistência no futebol brasileiro.

O Diamante Negro consolidou-se como um dos maiores times da história da Maré, sendo frequentemente lembrado como imbatível. Ao ser questionado sobre essa fama, Duda explicou que o prestígio veio da participação do time em um campeonato promovido pelo jornal Tribuna da Imprensa: “O único time que aqui disputou um campeonato importante foi o Diamante Negro, que disputou campeonato da Tribuna da Imprensa”.

A pesquisa na base de dados da Biblioteca Nacional confirmou a informação: foram encontrados 79 registros sobre a participação do Diamante Negro no torneio promovido pelo Tribuna da Imprensa, em 1958. Em um desses registros, consta a escalação do time com Parodi e Duda jogando juntos, em uma partida contra o Alvinegro, em Quintino, que terminou empatada em 2 x 2.

Pouco antes disso, em 1956, o Campo do Minas Gerais foi destruído pelo Estado para dar lugar à construção da Escola Municipal IV Centenário. Todos os entrevistados foram categóricos ao afirmar que o fim do campo representou a perda de um importante espaço de lazer e convivência comunitária.

As narrativas colhidas revelaram que o campo não era apenas um terreno de várzea, mas um território simbólico e afetivo, fundamental na construção de amizades, identidades e redes de sociabilidade. Sua destruição material não apagou sua presença na memória dos moradores — pelo contrário, consolidou o campo como rugosidade do espaço (Santos, 2008), um vestígio vivo de experiências e afetos que ainda moldam o imaginário coletivo da Maré.

Considerações Finais

A pesquisa se inspirou nos estudos sobre o espaço vivido, buscando evidenciar a dimensão simbólica dos lugares onde se desenvolvem as práticas de lazer. As experiências relatadas e observadas ao longo do trabalho reforçaram a compreensão de que esses espaços se constituem como “lugares de lazer” e, simultaneamente, como “lugares memoráveis”, nos quais memória e afeto se entrelaçam à materialidade do território. Assim, o lazer deixa de ser apenas uma prática cotidiana para assumir um

papel estruturante na produção dos sentidos de pertencimento e nas narrativas comunitárias que marcam a vida na Maré.

Essa perspectiva permitiu compreender as influências do lazer na relação sujeito–espaço, ampliando as dimensões afetivas e simbólicas do futebol comunitário e revelando sua força na construção de identidades e pertencimentos territoriais. Assim, o lazer se alinha a elementos de enraizamento, afetividade e solidariedade, manifestos nas relações sociais tecidas sobre o solo onde a vida cotidiana se desenrola — um espaço vivido, sentido e constantemente (re)significado.

Além disso, o trabalho buscou refletir sobre a riqueza e a complexidade dos lugares de lazer em contextos periféricos, contribuindo para a compreensão das relações simbólicas e estigmatizantes que moldam a percepção do poder público sobre as favelas. Essa relação se constrói no campo simbólico, onde se trava uma luta política pela imposição de sentidos. Desde a década de 1940 — com a destruição do Campo do Minas Gerais —, observa-se a recorrência de intervenções estatais que, sob o discurso da modernização ou da ordem, produzem apagamentos e tentativas de controle das expressões culturais e afetivas das populações faveladas.

Por fim, a pesquisa evidenciou que as intervenções governamentais nas favelas do Rio de Janeiro têm historicamente se configurado como ações de repressão e silenciamento, que inibem expressões simbólicas e afetivas e se materializam em relações de poder assimétricas ainda vigentes. Assim, mesmo transcorridos cerca de oitenta anos dos primeiros registros de lazer na Maré, continuamos a testemunhar processos de destruição de espaços comunitários em nome de um “progresso epistemicida” — um progresso que, ao negar os saberes e as territorialidades populares, reafirma desigualdades e apaga memórias, mas que também encontra resistência nas

vozes, afetos e práticas cotidianas de quem insiste em recriar o direito de existir e viver o lazer na favela.

REFERÊNCIAS

ACERVO MUSEU DA MARÉ. **Fotografias históricas do Campo do Minas Gerais**. Rio de Janeiro, 2019.

ALVITO, Marcos. **Um bicho de sete cabeças**. As cores de Acari. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

BRUM, Mario; GONÇALVES, Rafael Soares; AMOROSO, Mauro. História e favelas cariocas: um encontro tardio. **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 25, e20220077, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X02505520>

CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. **Acervo histórico do Museu da Maré**. Rio de Janeiro, 2003.

ESCOLA MUNICIPAL IV CENTENÁRIO. **Quem somos?** Escola Municipal IV Centenário, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://emivcentenario.blogspot.com/p/historico.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Higienópolis-RJ: Pallas Editora, 2017.

FAUSTINI, Marcus Vinícius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (Orgs.). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Binet. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Unesp, 1984.

MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MELO, Victor A. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

PORTELLI, A. Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral. In: **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 19-36.

REDES DA MARÉ. **Censo Populacional da Maré**. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2019. 108 p. Disponível

em: https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/CensoMare_WEB_04MAI.pdf. Acesso em: 02 jun. 2024.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; SILVA, Maria Lais Pereira da. **O Morro do Timbau**. Relatório de pesquisa para o HABITAT/ONU. Rio de Janeiro, 1984, mimeo.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.

TRIBUNA POPULAR. Visitará Bonsucesso: Humaitá F. C. enfrentará o Minas Gerais F. C. **Tribuna Popular**, Rio de Janeiro, 26 jan. 1947. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=154547&pasta=ano%20194&pesq=Bonsucesso&pagfis=4094> Acesso em: 13 jul. 2025.

ZALUAR, Alba. **O contexto social e institucional da violência**. Núcleo de Pesquisa das Violências (NUPEVI) do Instituto de Medicina Social da UERJ, 2003.

ZALUAR, Alba. A guerra sem fim em alguns bairros do Rio de Janeiro. **Ciência e Cultura**, v. 54, n. 1, p. 32–38, 2002.

Endereço dos(a) Autores(a):

Diogo Silva Nascimento
Endereço eletrônico: dyogo.edu@gmail.com

Marcelo Ribeiro Sales
Endereço eletrônico: grigh2@yahoo.com.br

Roseane Oliveira do Nascimento
Endereço eletrônico: ronascimento@ufam.edu.br